

VISÃO DO CORREIO

Saúde da mulher no Brasil e seus desafios

O Brasil acompanha as ações de mais um Outubro Rosa, período dedicado à prevenção e tratamento do câncer de mama e do colo do útero. Desde 2002, quando houve em São Paulo o primeiro ato simbólico nesse sentido, as campanhas vêm se intensificando. A partir de 2010, depois que o Instituto Nacional do Câncer (Inca) aderiu oficialmente, o movimento ganhou cada vez mais força. Essa importante caminhada acumula conquistas relevantes, mas as estatísticas mostram que há muito a ser conquistado em relação à saúde da mulher no país.

Segundo dados do governo federal, são registrados por ano mais de 73 mil novos casos de câncer de mama e mais de 17 mil do colo do útero – números altos para doenças com exames de diagnóstico disponíveis. A mamografia e o autocuidado são formas eficazes de identificar o tumor nas mamas. Já a vacina contra o HPV previne o câncer do colo do útero e faz parte do calendário do Sistema Único de Saúde (SUS) para meninas de 9 a 14 anos. Porém, existe bastante negligência da população e pouca eficácia das políticas de governos.

Não é raro vermos relatos de mulheres que esperam meses, e até anos, por uma mamografia no sistema público. O ultrassom das mamas, então, é mais complicado ainda de acessar. Essa morosidade impacta no tratamento, que também apresenta dificuldades. Do outro lado, a desinformação e o preconceito da sociedade agravam o problema.

Fato é que o país precisa enfrentar as questões ligadas ao bem-estar físico feminino em um esforço que deve partir das famílias, das escolas e do SUS já no

começo da adolescência. O conhecimento e a orientação são fundamentais para reduzir a incidência de enfermidades. A endometriose, por exemplo, afeta 7 milhões de mulheres — uma em cada 10 —, segundo a Associação Brasileira de Endometriose e Ginecologia Minimamente Invasiva (SBE). Conforme a entidade, mais de 30% dos casos levam à infertilidade e 57% das pacientes têm dores crônicas. No entanto, de acordo com a SBE, a estimativa não significa que elas sejam diagnosticadas ou recebam a terapia adequada.

Outra preocupação está relacionada à mortalidade materna. O Brasil assumiu o compromisso de cumprir a proposta das Nações Unidas nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável de, até 2030, reduzir para, no máximo, 30 óbitos a cada 100 mil nascidos vivos. Mas a realidade recente mostra que a distância da meta é desafiadora: os índices giraram em torno de 110 mortes de mulheres a cada 100 mil nascidos vivos em 2021, 71,9 em 2020 e 57,9 em 2019, numa crescente alarmante.

Ampliar o alcance das consultas; assegurar rapidez para exames, medicação e cuidados; oferecer uma rede multidisciplinar de apoio; disseminar informação; investir na infraestrutura dos equipamentos de prestação de serviços, como clínicas e maternidades; disponibilizar recursos e desenvolver pesquisas são algumas das ações que precisam ser incrementadas.

A bandeira do Outubro Rosa é fundamental. Mas o país tem de se conscientizar — em níveis governamental, social e institucional — de que o amplo tema da saúde da mulher deve ser destaque nas discussões que buscam garantir um Brasil com melhor qualidade de vida.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Silêncio

Imerso no silencioso interior de um avião, muitos pés acima da balbúrdia cotidiana, Frei Betto sintonizou uma ideia. Assim surgiu a história de um homem que cresce com a família apartado da civilização, levando uma vida contemplativa, “como se as palavras fossem sementes raras que não devem ser desperdiçadas”. O relato em primeira pessoa desse enigmático personagem, que termina a vida em um manicômio, compõe o romance *Aldeia do silêncio* (Editora Rocco), 56º livro do autor, vencedor de dois prêmios Jabuti — em 1982, por *Batismo de sangue*, e em 2005, por *Típicos tipos*. O dominicano Frei Betto, usou o dom da palavra escrita para evocar o poder do silêncio e a necessidade de resgatá-lo em um mundo cada vez mais conturbado e distante do tempo da reflexão e da espiritualização. Viagem ao tempo do silêncio. Esse romance vai na contramão de um mundo cada vez mais agitado, verborrágico e hiperconectado. Em *Aldeia do Silêncio*, livro do escritor e religioso Frei Betto, imperam os espaços para uma profunda reflexão sobre a condição humana. Aos leitores, ele propõe um grande desafio: “No momento de hoje, como alguém poderia viver intensamente a experiência do silêncio?” Romance que trata de um valor raro no mundo em que vivemos: o silêncio. Um hino poético à meditação. Texto diálogo com a nossa vida interior.

» José R. Pinheiro Filho
Asa Norte

Clima

O calor e a seca impiedosa afetam o Centro-Oeste. Lembro-me de que, no início de Brasília, pessoas de outras regiões ficavam espantadas com os regimes da seca e das chuvas. No fim de agosto, havia um breve período chuva, que chegou ser apelidada de “chuva do caju” do Cerrado. Em setembro, pontualmente, começava o período das águas. Depois de alguns dias, podíamos ir ao Cerrado e colher, além do caju, outros frutos ofertados pelo bioma. Hoje, somos testemunhas do que os cientistas denominam de mudança climática. Sentimos na pele e, muitas vezes, na saúde o

significado desse fenômeno que desafia a ciência e exige dos humanos um relacionamento respeitoso com natureza.

» Joelma Cruz
Águas Claras

Caso de polícia

Em 2009 foi anunciado concurso para o Dnit. Inscrições abertas, recolhidas as taxas de inscrição....Só que meses depois, o concurso foi cancelado. Seria um fato normal se as taxas de inscrições pagas ao Cesp fossem devolvidas. Mas não foram até hoje. Não adianta reclamar no Dnit, no Cesp nem na própria CGU. Ninguém responde ou toma qualquer atitude de devolver as taxas. Isso, no mínimo, é apropriação indevida de recursos de terceiros. É crime, pelo qual a administração pública, em especial esses dois órgãos, deveria responder. Quem sabe acabe a omissão da AGU, do Ministério Público MP e até dos órgãos de defesa da concorrência, pois é caso de cobrança, e não oferecimento do serviço prometido. É um caso de polícia. Isso, inclusive, já foi denunciado pela imprensa... Mas nada e ninguém reparar esse crime. Quem sabe agora...

» Elvio Dias Gomes
Asa Norte

Agroindústria

A agricultura e a indústria necessitam caminhar juntas em um país promissor. Para que isso aconteça, faz-se necessário galgar um caminho em que a transformação conduza um produto primário a manufaturado exportável. O Brasil ainda carece de algo assim. Está engatinhando. Mas consegue fazer produtos industrializados. É o caso do etanol, proveniente da transformação da cana-de-açúcar. É o caso, também, da laranja, da qual os Estados Unidos são grandes importadores. Isso até é motivo de taxaço. Também frutas, principalmente aquelas providas do Nordeste brasileiro. É o país caminhando para uma melhor agregação de valor e benefício para o Brasil.

» Enedino Corrêa da Silva
Asa Sul

Desabafo

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Mobilização contra a reforma no serviço público: a desvalorização do servidor público acontece desde a chegada da família real portuguesa ao Brasil.

Abraão F. Nascimento — Águas Claras

Quando um operário da construção civil aprende a ler e escrever no canteiro de obras, além de decifrar o mundo, ele começa a escrever sua própria história. Além da inclusão, é uma reparação histórica e a construção da autoestima!

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

É muito impressionante a capacidade dos aliados mais próximos do ex-presidente de produzir mentiras absurdas; e mais impressionante ainda é ver brasileiros defendendo as bravatas dos derrotados.

Alfredo Almeida — Asa Norte

O pastor Malafaia reclama que a Polícia Federal está a serviço do ministro Alexandre de Moraes. Ora! Ele queria que estivesse ao lado do ex-presidente, que punia aqueles que tentaram investigar possíveis crimes dos apaniguados do poder?

Fernando Santiago — Noroeste

Não faltam candidatas ao Burity. Resta saber o que pretendem fazer para reverter a tragédia em que se encontra da saúde pública.

José Paulo Vieira — Asa Sul

O DF está dominado por obras nas vias públicas e falta de iluminação nas vias de grande fluxo de veículos, principalmente em entre Ceilândia e a Estrutural.

Christiano Oliveira — Taguatinga



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cpress.com.br

Menos carne, mais vida

Li, uma vez, um chinês dizer que, em seu país, o consumo semanal de carne vermelha equivale ao que um ocidental devora em um único hambúrguer. Não à toa, o Brasil é o terceiro maior consumidor de cortes bovinos e, considerando também suínos, caprinos e frangos, fica em oitavo lugar no ranking mundial. São 78kg anuais, per capita.

Como vegetariana, um mundo ideal, para mim, seria aquele em que todos os animais fossem dignos da mesma compaixão devotada a cães e gatos. Embora reconheça que esse é um cenário utópico, de uma coisa tenho certeza: o padrão atual de consumo de carne é insustentável. Não se trata de ideologia: quem diz isso é a ciência.

Seis anos atrás, cientistas do Reino Unido e norte-americanos lançaram a iniciativa Eat-Lancet, que, hoje, é composta por pesquisadores de vários países. A ideia é reunir o que há de melhor qualidade na produção de conhecimento para elaborar um plano alimentar benéfico para o ser humano e o planeta. Nasceu, dessa forma, a dieta planetária. Diferentemente do que costumamos considerar “dieta”, essa une nutrição e medicina preventiva aos indicadores climáticos e ambientais, garantindo, assim, um equilíbrio entre espécies e ecossistemas. Embora preferências alimentares possam parecer escolhas que só dizem respeito ao indivíduo, a comissão Eat-Lancet considera que, na verdade, aquilo que colocamos no prato impacta todo o planeta.

Soa exagerado? Nem tanto quando se analisam as estatísticas. O sistema de produção alimentar é, hoje, responsável por 30% das emissões de gases de efeito estufa, e a criação de rebanhos de corte está por trás de quase todo esse percentual.

Não se trata apenas do gás metano produzido pelo gado — entra na conta da alimentação, também, a destruição de florestas

para a pecuária e o plantio de soja (soja essa que vira farelo não para saciar vegetarianos, como muitos pensam, mas para abastecer bois e vacas, no ciclo vicioso da produção de carne).

Entre 2018 e 2022, 96,4% do desflorestamento da Amazônia brasileira teve como objetivo a criação de pasto. Já o plantio de soja foi responsável por 10% do desmatamento na América do Sul, segundo um estudo publicado na revista *Nature Sustainability*.

Se a saúde do planeta não for suficiente para convencer de que é urgente reduzir o consumo de carne, talvez interesse saber que a adesão à dieta planetária poderia salvar 15 milhões de vidas humanas ao ano. O cálculo, da comissão Eat-Lancet, foi divulgado na semana passada, em um relatório construído sobre dados de saúde pública, economia, clima e nutrição, entre outros.

Nesse cálculo, entram as mortes prematuras associadas às emissões de gases de efeito estufa — hoje, é mais do que sabido que o aquecimento do planeta e o aumento da frequência de eventos climáticos extremos causam milhares de óbitos anuais. Os cientistas também consideram os efeitos da carne à saúde: segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o consumo acima de 500g semanais está associado ao aumento de doenças cardiovasculares e de alguns tipos de câncer, como o colorretal, que está em crescimento em pessoas com menos de 50 anos.

O relatório da Eat-Lancet não apenas aponta culpados, mas mostra soluções claras, baseadas no conhecimento científico, para recuperar a sustentabilidade na relação entre o homem e o planeta. Ao comer animais na voracidade atual, os seres humanos não estão matando apenas bois, galinhas, porcos e caprinos, mas acelerando o fim da própria espécie.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br